

Texto encontrado em:

<http://tecnicaspsicoterapeuticas.vilabol.uol.com.br/semiologia.html>

(Texto não assinado)

2- CONCEITOS IMPORTANTES.

2.1- SEMIOLOGIA.

É a ciência geral dos signos, que estuda todos os fenômenos de significação. Tem por objeto os sistemas de signos das imagens, gestos, vestuários, ritos, etc.

2.2- LINGÜÍSTICA.

Estuda os signos lingüísticos, da linguagem. Nasceu do estudo das línguas românicas e das línguas germânicas. Os estudos românicos, inaugurados por Diez – sua Gramática das Línguas Românicas data de 1836-1838 -, contribuíram particularmente para aproximar a Lingüística do seu verdadeiro objeto.

2.3- SIGNO.

Entidade constituída pela combinação de um conceito de significado, e uma imagem acústica denominada significante.

Signo = Significante (som) + Significado (objeto)

2.4- IMAGEM ACÚSTICA.

Não é a palavra falada (ou seja, o som material) mas a impressão psíquica desse som.

2.5- SIGNIFICADO.

É a palavra equivalente no mesmo ou em outro idioma. É a representação, na linguagem do significante. Corresponde ao conceito ou à noção, ao passo que o significante corresponde à forma.

Todo objeto, forma ou fenômeno que representa algo distinto de si mesmo: a cruz como significado do "cristianismo"; a cor vermelha significando "pare" par o código de trânsito, etc.

O significado tem um código afetivo (angústia), relacionado ao fato psíquico no Inconsciente, não sabido, objeto referido. Exemplo: angústia não aniquiladora (prazer), angústia aniquiladora (dor).

2.6- SIGNIFICANTE.

É a parte fônica, a imagem acústica de um fonema provido de significação. O significante tem um código informativo : sintomas / relações objetais. Pré-consciente, Consciente, verbalizado, som. Exemplo: continente (amada), Não continente (não amada)

Devemos buscar determinar em cada relato de nossos pacientes qual a relação objetal em evidência (sabida: significante/Pré-consciente/Consciente) para podermos inferir sobre a angústia relacionada (não sabida: significado/Inconsciente).

2.7- ESTRUTURA.

É o sistema que compreende elementos ordenados e relacionados entre si de forma dinâmica. O signo a e a' guardam entre si uma relação "complementar e inversa".
Estrutura = Signo (a) + Signo (a')

(...)

3- ORIGEM DA SEMIÓTICA.

A Semiótica é uma ciência recente. Embora o projeto de construir uma "ciência dos signos" existisse desde os princípios do século XX, em Saussure e Peirce, pode dizer-se que o aparecimento efetivo dessa ciência se verifica apenas nos meados do século XX.

No entanto, o estudo dos signos remonta às próprias origens do pensamento filosófico. Assim, Todorov, que considera Stº Agostinho o primeiro dos semióticos, situa as origens da Semiótica ocidental nas "tradições particulares" da semântica, da lógica, da retórica e da hermenêutica antigas, sendo o Crátilo de Platão, que viveu nos séculos V/IV AC, o melhor testemunho dessa antiguidade da Semiótica. A consideração de Stº Agostinho como primeiro semiótico explica-se pelo fato de, segundo Todorov, ter sido aquele Padre da Igreja o primeiro a satisfazer os dois requisitos fundamentais implicados na noção de semiótica: ter como objetivo o conhecimento, a teoria; ter como objeto de estudo signos de espécies diferentes, e não exclusivamente os lingüísticos.

A Semiótica do século XX vai demarcar-se claramente dos estudos filosóficos dos signos em dois aspectos fundamentais:

a) Na definição do estatuto epistemológico dos estudos semióticos, do lugar destes no contexto mais geral dos estudos científicos. Esta preocupação é visível quer em Saussure (que enquadra a Semiologia, enquanto teoria geral dos signos, na Psicologia Social e esta, por sua vez, na Psicologia Geral, considerando, por outro lado, a Lingüística como parte da Semiologia), quer em Peirce (para quem a Semiótica, enquanto ciência dos signos, é uma ciência geral, uma espécie de "matemática universal" que engloba todas as outras ciências).

b) Na sistematização da semiótica, com a sua conseqüente subdivisão em disciplinas (nomeadamente, e a partir de Charles Morris, em Sintaxe, Semântica e Pragmática) e a sua compendiação escolar.

A moderna "ciência dos signos" tem origem em duas diferentes tradições, que podemos sintetizar em dois nomes: Semiologia (correspondente à tradição europeia, iniciada por Saussure) e Semiótica (correspondente à tradição anglo-saxônica, iniciada por Peirce). Tendo o mesmo o radical (semeion, que se pode traduzir por "signo" ou "sinal"), as duas palavras traduzem, no entanto, duas maneiras diferentes de entender a "ciência dos signos".

A Semiologia aparece definida por Saussure, no Curso de Lingüística Geral (editado pela primeira vez em 1915), da seguinte forma: "Pode, portanto conceber-se uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; nós chamá-la-emos semiologia (do grego semeion, signo). Ela ensinar-nos-ia em que consistem os signos, que leis os regem. (...) A lingüística não é senão uma parte desta ciência geral (...)".

6- FERDINAND DE SAUSSURE.

Ferdinand Saussure (1857-1913) foi o fundador da lingüística moderna, cujos princípios básicos influenciaram profundamente o desenvolvimento do estruturalismo semiótico. Sua maior contribuição foi o projeto de uma teoria geral de sistema de signos, a que ele

denominou Semiologia, e seu elemento básico foi à definição do signo. Outros princípios importantes de sua teoria foram a arbitrariedade do signo lingüístico, o conceito de estrutura, o conceito de sistema de linguagem.

A Semiótica Européia, em um de seus expoentes mais fortes, está fundamentada a partir do livro "Tratado de Lingüística Geral", de Ferdinand de Saussure. Esse livro deu margem à criação de várias correntes de pensamento, como o estruturalismo e constituiu-se como ponto de partida para a Semiologia desenvolvida por Roland Barthes.

Em relação aos determinantes teóricos da Semiologia, diferentemente de Peirce, que estabelece uma relação sígnica entre signo, objeto e interpretante, na corrente iniciada por Saussure são vistos o signo, o significado e o significante.

O signo, numa definição mais básica, é qualquer coisa que substitua outra. Deste modo podemos imaginar um homem primitivo que desenhou um animal numa caverna representando o animal que havia caçado, por exemplo. O desenho do animal é o signo que representa o conteúdo que o homem primitivo quis expressar. Este homem, para representar o animal, uniu um conceito a uma imagem, ou seja, estabeleceu uma relação entre um significado e um significante. Saussure estipula o significante como uma imagem acústica, que se constitui como a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, ou a representação psíquica desse som. Passando para outros moldes além do verbal, o significante seria uma imagem que afetasse a mente de uma pessoa.

Saussure estipula duas características primordiais do Signo:

a) O Signo é arbitrário: Isso quer dizer que não há um laço natural entre o significante e o significado. Por exemplo, lua em Inglês é moon, enquanto em italiano é luna. Com essa inferência Saussure distingue um signo de um símbolo; um símbolo teria uma relação com o objeto representado. Como exemplo, pode-se dizer que a cruz evoca muita coisa para um cristão, enquanto a suástica a um nazista ou a um judeu. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo.

b) Caráter Linear do Significante: O significante, de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo em determinada cultura.

Com a constituição da linguagem verbal, existiriam relações sintagmáticas e relações associativas. As relações sintagmáticas estariam baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se aliam um após o outro na cadeia da fala, e tais combinações podem ser chamadas de sintagmas. Por exemplo, re-ler, contra-todos, a vida humana, etc.

Uma relação associativa possuiria sua dinâmica fora do discurso, onde as componentes de determinada sentença se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Por exemplo, a palavra super-homem pode evocar em determinada mente palavras como superfície, supérfluo, homem rico, poder, etc.

6.1- O PROJETO SEMIOLÓGICO DE SAUSSURE.

Inicialmente, a semiologia seria o projeto de uma ciência geral dos sistemas sígnicos. Saussure assim o definiu: Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos

signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral. Chamá-la-emos de Semiologia (do grego *semeion*, signo). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que ela será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à lingüística e esta se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos). Portanto, para Saussure, Semiologia e Lingüística estariam no âmbito da Psicologia geral.

A segunda noção relevante é a relação entre a lingüística e a semiologia. Segundo a visão saussureana, as ciências da linguagem fazem parte da semiologia, e as leis gerais da ciência dos signos são aplicáveis à lingüística.

Como o estudioso suíço desconhecia a tradição dos estudos sîgnicos desde Platão a Peirce, para ele a semiologia ainda não existia e necessitava, antes de tudo, ser construída. Segundo ele, a lingüística já estaria bastante desenvolvida, e suas bases emprestariam suporte para a elaboração da teoria geral dos signos. Assim, via ele uma relação em mão dupla: a lingüística seria o caminho heurístico da produção da semiologia cujas regras seriam aplicáveis inclusive aos estudos lingüísticos. Este caminho foi seguido na França e na Itália, na semiótica estruturalista dos anos 60.

Saussure fazia freqüentemente comentários sobre o conjunto dos fatos semiológicos sem, contudo, apresentar qualquer detalhamento da maioria desses sistemas de signos. O pesquisador tinha a língua como o principal dos sistemas sîgnicos e mencionou outros sistemas como o Braille, o código de bandeiras marítimo, sinais militares de corneta, códigos cifrados (ex. música), etc. Somente no campo da literatura Saussure empreendeu estudos mais extensos de sistemas sîgnicos não-verbais. Por exemplo, um estudo mitológico sobre a lenda germânica Niberlungen, que é descrita como um sistema de símbolos que estão inconscientemente sujeitos às mesmas variações que qualquer outra série de símbolos, bem como as palavras da língua.

Também nos a anagramas da poesia latina, Saussure se destacou no âmbito da semiologia. Em determinado ponto das discussões teóricas, a semiologia saussureana ficou inscrita no âmbito da sociologia e da psicologia (1901). O que mais ressaltou este enquadramento foi a menção feita por Saussure à aplicação da semiologia ao estudo das instituições jurídicas.

Ainda que o próprio Saussure tivesse a lingüística como parte da semiótica, estudos posteriores conseguiram provocar sérios equívocos que se tornaram polêmicas até hoje não sanadas no que tange à posição dessas duas ciências: a semiótica contém a semiologia ou vice-versa? Convém, no entanto, buscarmos entender as contribuições fundamentais do patrono da lingüística na formulação de uma teoria geral dos signos.

- a) A arbitrariedade do signo lingüístico em relação a sua constituição fonológica, do que decorre o princípio suplementar da convencionalidade.
- b) A não-arbitrariedade a posterior, uma vez que ao falante não é facultado eleger signo diferente do convencionalizado quando estabelece a comunicação com outrem, disto decorre o princípio suplementar da imutabilidade do signo.
- c) A imotivação dos signos quanto ao seu significado.

O princípio do binarismo: significado & significante. As flechas indicam a associação psíquica entre a imagem acústica e o conceito. Assim, os três termos do modelo diádico de Saussure são:

Signo = significante

significado

Sua concepção é mentalista, pois ambos os compósitos sgnicos são entidades mentais. Daí a exclusão da referência, pois, além de ser seu modelo diádico, rejeita o pesquisador a união entre uma coisa e uma palavra, portanto, repele o objeto de referência, que seria algo externo ao sistema considerado.

A partir dessas idéias, Saussure atrela o pensamento às palavras, sem as quais aquele seria uma massa amorfa e indistinta. Assim, cria Saussure as bases para a teoria das formas, não das substâncias, a partir do que, mais tarde vem a configurara-se com Hjelmslev na formulação do Estruturalismo lingüístico.

A partir de suas noção de forma, emergiram as idéias das redes de relações sgnicas que se sustentam em dois eixos fundamentais: as correlações e as oposições.

A língua é um sistema em que todos os termos são solidários, e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também de um valor.

7-CHARLES SANDERS PEIRCE.

Um dos principais estudiosos contemporâneos dos Signos e da semiótica americana tem seu expoente inicial com o cientista-lógico-filósofo (e um dos fundadores da moderna ciência semiótica) foi Charles Sanders Peirce (1830-1914). Considerado por alguns como sendo, porventura, o maior filósofo norte-americano, Peirce teve uma vida afetiva, profissional e acadêmica bastante conturbada e infeliz. Muitas das teorias mais interessantes de Peirce, nomeadamente no âmbito da Semiótica ou Lógica, foram pouco conhecidas, até pouco tempo. À medida que essas teorias forma sendo estudadas, Peirce foi ganhando uma importância crescente no campo da Semiótica, da Lógica e da Filosofia em geral.

Peirce, filho de um importante matemático, era devotado nas ciências culturais à lingüística, à história e à filologia, e tinha grande conhecimento da Crítica a Razão Pura, de Kant. Em matéria de obras científico-filosóficas, a única publicada em vida, por Peirce, foi Photometric Researches, de 1879, resultado do seu trabalho nos domínios da geodesia e da astronomia. Deixou um segundo livro terminado, The Grand Logic, e publicou vários artigos, sobretudo nas revistas Popular Science Monthly (1877-1878) e The Monist (1891-1893). No entanto, a maior parte dos seus trabalhos inéditos, reunidos nos Collected Papers (em 9 volumes), só foi publicada entre 1931 e 1958.

Baseado, a princípio, com as categorias universais de Kant, e constatando mais tarde alguma semelhança também com Hegel, Peirce estipulou três categorias universais,

começando a aplicá-las inicialmente à mente, e logo após à natureza. São estas categorias a de primeiridade, secundidade e terceiridade.

"As definições de 'signo' que circulam nos manuais de semiótica corrente são diversas mas não contraditórias e são muitas vezes complementares. Para Peirce, o signo era "algo que está para alguém por algo sob algum aspecto ou capacidade".

Enquanto Saussure circunscreveu a semiologia no âmbito da Psicologia, Peirce foi buscar suas bases na Filosofia e na Lógica. Por isso, com a mesma força que o suíço rejeitara a relação com entes objetivos externos ao sistema de signos em questão (no seu caso o lingüístico), o semioticista norte-americano enfatizara as suas bases doutrinárias numa concepção fenomenológica, portanto filosófica. Assim, retomava o terceiro elemento já previsto na teoria formulada por Platão (nome = nomos /noção = logos /coisa = pragma) como base indispensável do diálogo entre o homem e o mundo que o cerca.

Para Peirce, o universo é semiótico, e o homem interage com os sinais, lendo os que o antecedem e formulando novos sinais em suprimento das necessidades emergentes.

A visão pansemiótica de Peirce sobre o universo resultara no entendimento das cognições, das idéias e até do homem como entidades semióticas; e, como tal, um signo se refere a outras idéias e a outros objetos do mundo que se reflete um passado.

Suas idéias projetam uma dimensão muito mais ampla. O homem denota qualquer objeto de sua atenção num momento dado. Conota o que conhece ou sente sobre o objeto e é também a encarnação desta forma ou espécie inteligível; o seu interpretante é a memória futura dessa cognição, o seu eu futuro ou uma outra pessoa à qual se dirige, ou uma frase que escreve, ou um filho que tem.

Peirce retomou a teoria estóica do significado, em termos que lhe deram direito de cidadania na lógica moderna. As concepções semióticas de Peirce demonstraram ser fecundas na lógica e na semiótica contemporâneas, do mesmo modo que se tornaram fecundas as múltiplas distinções e classificações de signos que ele forneceu nos seus escritos.

Para Peirce, Lógica e Semiótica identificam-se: Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado, apenas um outro nome para semiótica, a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos. A Semiótica é quase-necessária ou formal no sentido em que, segundo Peirce, procede por observação abstrativas, partindo dos signos particulares do que os signos "são", para as afirmações gerais o que os signos devem ser.

A Semiótica tem três ramos:

a) Gramática Pura - a sua tarefa é determinar o que deve ser verdadeiro quanto ao representamen utilizado por toda a inteligência científica a fim de que possa incorporar um significado qualquer. É a teoria geral da relação de representação e dos vários tipos de signos.

b) Lógica Pura ou Crítica - ciência do que é quase necessariamente verdadeiro em relação aos representamen de toda a inteligência científica a fim de que possam aplicar-se a qualquer objeto, isto é, a fim de que possam ser verdadeiros. Ciência formal da verdade das representações. Compreende a teoria unificada da dedução, da indução e da retrodução - inferência hipotética ou abdução.

c) Retórica Pura ou Especulativa - o seu objetivo é o de determinar as leis pelas quais, em toda a inteligência científica, um signo dá origem a outro signo e, especialmente, um signo acarreta outro. Refere-se à eficácia da semiose.

Esta tripartição da Semiótica viria a ser retomada por Charles Morris em 1938 que substituiu as designações de Peirce pelas de Sintaxe (que trata da relação formal dos signos uns com os outros), Semântica (que trata da relação entre os signos e os objetos a que se aplicam) e Pragmática (que trata da relação entre os signos e os intérpretes). Como sabemos, Sintaxe, Semântica e Pragmática constituem, hoje em dia, os três grandes domínios da Semiótica.

Peirce distingue, ainda, entre Semiótica geral e "ciências psíquicas" a que, mais propriamente, poderíamos chamar "ciências semióticas", em que inclui as ciências psicológicas e sociais, a lingüística, a história, a estética, etc.

7.1-PRIMEIRIDADE, SECUNDIDADE E TERCEIRIDADE.

(...) Para esclarecer a definição de signo, Peirce estabeleceu o conceito de relação sígnica. Toda relação sígnica envolve o signo propriamente dito, o objeto e seu interpretante. A noção de interpretante não se define na de intérprete do signo, mas através da relação que o signo mantém com o objeto. A partir dessa relação, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro (que é o interpretante do primeiro). Por exemplo, a palavra "casa" é um signo interpretante do signo casa estabelecido unicamente em cada subjetividade. Dessa forma, o significado de um signo é sempre outro signo, e assim por diante. (...)

7.3-SIGNOS.

A Semiótica é a doutrina ou ciência dos signos, logo a noção central desta disciplina é, obviamente, a noção de Signo. Platão e Aristóteles vão distinguir, no que se refere às palavras, entre significado e significante e, sobretudo entre significação e referência. No entanto, Aristóteles não usa, habitualmente, a palavra semeion para se referir às palavras, a que se refere normalmente como symbolon. Os signos (semeia), referidos na Retórica, são uma das fontes dos entimemas (a outra são os eikota ou verosímeis). Os signos são distinguidos em duas categorias: o tekmerion, no sentido de "prova", que poderíamos traduzir por "signo necessário" ou "forte" ("se tem febre, então está doente"), governado pela relação de implicação e indo do universal para o particular; e o "signo fraco" ("se tem a respiração alterada, então tem febre"), a que Aristóteles não dá um nome particular, governado pela relação de conjunção e indo do particular para o particular.

Os Estóicos, apesar da articulação da sua semiótica, ainda não vão unificar, de forma clara, a doutrina da linguagem verbal e a doutrina dos signos. No que se refere à linguagem verbal, os Estóicos distinguiam entre "expressão" (semainon), "conteúdo" (semainomenon) e "referente" (tynchanon). Poder-se-ia dizer que, para os Estóicos, a língua aparece como sistema modelizante primário (Lotman).

No entanto, será só com Stº Agostinho que, segundo Eco, se fará à união definitiva entre teoria dos signos e teoria da linguagem, aparecendo os signos lingüísticos como uma espécie (entre outras espécies, como as dos letrados, dos gestos, dos sinais ostensivos) do gênero signo. Quanto à noção de signo, Stº Agostinho dá duas definições que contemplam quer a sua dimensão semântico-representativa quer a sua dimensão

comunicacional (representando, esta última, uma novidade em relação aos Estóicos): "Um signo é o que se mostra a si mesmo ao sentido, e que, para além de si, mostra ainda alguma coisa ao espírito" e "A palavra é o signo de uma coisa que pode ser compreendida pelo auditor quando é proferida pelo locutor". Em vez dos três elementos referidos pelos Estóicos, Stº Agostinho indica quatro elementos constitutivos do signo: a palavra (*verbum*), o exprimível (*dicibilis*), a expressão (*ditio*) e a coisa (*res*), ainda que *verbum* e *ditio* pareçam poder ser tomados como sinónimos, referindo-se o primeiro ao aspecto comunicativo e o segundo ao aspecto semântico-referencial do signo.

A esta concepção triádica do signo, profundamente radicada na tradição filosófica, vai opor-se claramente Saussure (e a tradição que dele emana). Saussure define o signo (lingüístico) da seguinte forma: "O signo lingüístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta última não é o som material, coisa puramente física, mas a marca psíquica desse som, a representação que dela nos dá o testemunho dos nossos sentidos; ela é sensorial, e se nos acontece chamar-lhe "material", é apenas neste sentido e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato". O signo apresenta, assim, uma dupla face: significante ("imagem acústica") e significado ("conceito"), excluindo-se claramente o referente (e, em consequência, pelo menos assim o pensava Saussure, a concepção da língua como nomenclatura, ligando palavra-coisa).

(...) Peirce define, num texto de 1903, cada uma das nove categorias anteriores indicadas, entre parêntesis, a respectiva exemplificação e/ou interpretação:

(...)

- Ícone: é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude dos seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal Objeto realmente exista ou não; qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como um seu signo (inclui, como subcategorias, as imagens, os diagramas e as metáforas; exemplos: fotografias, desenhos, diagramas, fórmulas lógicas e algébricas, imagens mentais, etc.).

- Índice: é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. Funda-se não na semelhança, como o Ícone, mas na conexão física com o Objeto; exemplos: dedo apontado para um objeto, cata-vento, fumo como sintoma do fogo, pronome /este/, referido a um objeto, os quantificadores lógicos, etc.

- Símbolo: é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto. Exemplos de Peirce: todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais.

(...)

Para percebermos melhor o funcionamento daquela que Peirce considera ser "a mais importante divisão dos signos", em Ícones, Índices e Símbolos, vejamos os seguintes exemplos de Peirce - que mostram como, na linguagem do quotidiano, Símbolos, Ícones e Índices se relacionam:

Exemplo 1. Um homem, que caminha com uma criança, levanta o braço para o ar e aponta, dizendo: "Lá está um balão". A criança pergunta: "O que é um balão?". Responde o homem: "É parecido com uma grande bolha de sabão".

Neste exemplo verifica-se que: o braço apontado para o ar funciona como um Índice (denota um individual), a bolha de sabão funciona como um Ícone, e as palavras funcionam como Símbolos.

Exemplo 2. Se eu digo "Todo o homem ama uma mulher", isto equivale a dizer "Tudo o que for homem ama algo que é mulher".

Neste exemplo verifica-se que: "tudo o que" (quantificador universal) e "algo que" (quantificador particular) funcionam como Índices; "for homem", "ama" e "mulher" funcionam como Símbolos.

Exemplo 3. A diz a B: "Há um fogo". B pergunta: "Onde?". Responde B: "A cerca de mil metros daqui".

Neste exemplo, "metros" e "daqui" funcionam como Índices, e os restantes signos como Símbolos.

Sobre a relação entre Índices, Ícones e Símbolos, Peirce diz ainda que ela está presente em qualquer proposição, sendo impossível encontrar uma proposição, por mais simples que seja, que não faça apelo a pelo menos dois destes tipos de signos.

Especialmente importante é o papel que Peirce atribui ao Ícone, que considera a única maneira de comunicar diretamente uma idéia, levando a que todo o método de comunicação indireta de uma idéia deve passar pelo uso de um Ícone. Assim, toda a asserção deve conter um Ícone ou um conjunto de Ícones, ou signos cujo significado só seja explicável por Ícones. No dizer de Peirce, o Predicado de uma asserção é a idéia significada por um conjunto de ícones ou o equivalente a um conjunto de ícones contido numa asserção.

De qualquer modo, só num determinado contexto podemos determinar se um signo funciona como um Índice, um Ícone ou um Símbolo. Por exemplo: o fumo tanto pode significar fogo, como nevoeiro, como se aproxima um rosto-pálido, no caso dos sinais de fumo. (...)